

A Ética e o agir

Wellington Trotta

Resumo: Tendo em vista o grande debate do momento, em que todos apresentam suas opiniões acerca do que seria um comportamento ético, uma atitude ética ou até mesmo o que seria ética, não custa absolutamente nada apresentar mais uma, apesar da orientação de Platão que rechaçava as opiniões (*doxa*) por sua condição de conhecimento comum, privilegiando, assim, a *episteme* como o verdadeiro conhecimento

Palavras-chaves: Ética – política – ciência – filosofia – fins.

O autor: Wellington Trotta é doutorando em Filosofia pelo IFSC-UFRJ, professor do Campus Tom Jobim-UNESA.

Tendo em vista o grande debate do momento, em que todos apresentam suas opiniões acerca do que seria um comportamento ético, uma atitude ética ou até mesmo o que seria ética, não custa absolutamente nada apresentar mais uma, apesar da orientação de Platão que rechaçava as opiniões (*doxa*) por sua condição de conhecimento comum, privilegiando, assim, a *episteme* como o verdadeiro conhecimento, ou seja, aquele que se apóia na racionalidade do que hoje poderíamos chamar, grosso modo, de ciência.

Em uma de suas obras, *Ética e sociologia da moral*, Émile Durkheim assevera que “*o objeto da ética é acima de tudo estabelecer os princípios gerais dos quais os fatos morais são apenas aplicações particulares*” (2003, p. 59), isto é, a Ética pode ser um sistema de princípios que tem por fim buscar, ordenadamente, separar o certo do errado, o bem do mal, o justo do injusto etc., através de explicações racionais ante as ações humanas.

Nessa mesma linha de raciocínio, embora de matiz teórica diferente, o pensador mexicano Adolfo Vásquez no livro *Ética*, pondera que “*a ética deve fornecer a compreensão racional de um aspecto real, efetivo, do comportamento dos homens*” (1975, p. 12). Tanto um quanto o outro aponta para a compreensão da Ética como uma racionalização-explicativa do agir, que por sua vez não se confundiria com o mesmo, como muitos alegam, quotidianamente, através dos meios de comunicação.

Desde o pensamento filosófico grego se buscou analisar a conduta humana a partir de certo critério de racionalidade que pudesse pensar o agir sem levar em conta prescrições de condutas. Pretendeu-se pensar, profundamente, os atos humanos dentro de uma dimensão teórica em que se levassem em conta os atos conscientes, voluntários ou não. E foi nessa

busca de totalizar a conduta humana por meio da racionalização que a filosofia, desde os seus primórdios até hoje, teorizasse sobre os atos, intenções e interesses dos homens, seja nos planos individual ou coletivo. Importa, portanto, que o saber ético vincula-se à especulação filosófica.

Em razão de a Filosofia ser uma construção grega e a Ética ser uma reflexão atrelada a essa sistemática, é natural que a palavra ética venha do grego *éthikós*, feminino singular *éthikê* que quer dizer ético, relativo à moral, e o substantivo neutro do plural *tà éthicá* que significa tratado sobre a moral. Ética, conexo com o grego. *êthos, eos-ous* pode ser tomado como modo de ser, caráter, costume. Por fim, segundo o pensador alemão Ernst Tugendhat, etimologicamente a “*ética aristotélica não apenas ocorre o termo êthos (com e longo), que significa propriedade do caráter, mas também o termo êthos (com e curto) que significa costume*” (2000, p. 36).

Do ponto de vista do cotidiano ética é tomada como uma atitude moral, ao passo que na perspectiva filosófica Ética é uma teorização sobre esse mesmo cotidiano. Dessa reflexão filosófica a Ética pode ser pensada sob duas perspectivas, a saber: a ética do *fim* e a ética do *móvel*. Esta se define pela reflexão das regras elaboradas por um agir em si mesmo, em que o prazer esta no *móvel* do certo pelo correto, isto é, o dever como *móvel* constante e habitual da ação humana, em que se define como objeto da vontade humana das regras que a dirige. Aquela, a ética dos *fins*, traça o ideal como objeto do desejo, a noção do bem como realidade perfeita, onde se define pelo ideal, uma vez que as regras são derivadas do *fim*. Logo, a felicidade é um objetivo cuja conduta social é uma dedução da necessária condição racional humana. A ética do *fim* pode ser entendida como conhecimento visando aos fins, ao passo que a ética do *móvel* é um conhecimento da conduta humana em si. Na ética dos *fins* as regras são definidas pelo ideal, ao passo que as regras da ética do *móvel* são cimentadas pelo agir em si.

A Ética surge no cenário grego, especificamente, como uma reflexão filosófica sobre o sentido político de composição dos conflitos intersubjetivos. A especulação e a invenção da Ética surgem enquanto teorização acerca da ação política, ou seja, aparece como uma necessidade de compreensão dos acontecimentos, apontando novas possibilidades de caminhos, tendo por escopo a substituição da guerra pela política.¹ É por isso que se costuma atribuir ao filósofo Sócrates os primeiros passos de uma ciência exclusiva do homem capaz de, pela totalização dos conhecimentos quanto ao humano, refletir acerca de sua própria

natureza e pensar dentro do espaço público uma conduta a partir da justiça como parâmetro de convivência.

A explicação ética dos chamados atos morais repousa na relação direta desses atos serem concretos, portanto definidos historicamente como uma determinada produção social. Por isso o pensar ético só é possível sobre uma realidade histórica. É por isso que autores das mais diversas tendências enfatizam que a Ética, mais do que uma disciplina filosófica, é de fato uma ciência, isso pela existência de objeto específico e pela definição metodológica de investigação do seu objeto, se distinguindo radicalmente da moral: um tratado de condutas desejadas, socialmente.

Segundo Durkheim, o papel dos filósofos foi revolucionário na medida em que buscaram, na construção de uma nova moral, superar a anterior por uma outra que representasse as exigências do novo momento histórico. Entretanto, ainda para Durkheim, esses mesmos pensadores apresentaram perspectivas particulares, isto é, filosóficas, ao passo que, conforme o seu entendimento, o fenômeno ético deveria ser estudado sob as condições da perspectiva científica.

Ao contrário do positivismo durkheimiano, influenciado pelo marxismo que surge no ambiente novicentista de valorização da ciência, Vásques (1975, p. 12-15) vaticina que “*a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade (...) conjunto sistemático de conhecimentos racionais e objetivos a respeito do comportamento humano moral*” que difere da moral por ser esta um código de condutas específicas. Nesse sentido, na mesma linha de raciocínio, Kremer-Marietti (1989, p. 123) assinala que:

A ética, buscada como sistema moral coerente, pertence a um sistema filosófico mais vasto, ao qual se coordena e que freqüentemente ela comanda, sob um certo ponto de vista. Não se confunde com a moral que é irmã da medicina, quando esta estende suas prescrições segundo o modo de um imperativo hipotético concernente à vida quotidiana, com o objetivo de prevenir doença.

A autora compartilha com os outros pensadores citados quanto ao caráter universalista da Ética e o aspecto particular da moral. Contudo, para Kremer-Marietti, o caráter eminentemente filosófico da Ética eleva sua condição ao sentido de totalidade porque a análise filosófica não estaria circunscrita a singular temporalidade desta ou daquela concepção científica. Em todo caso, Vásques, Durkheim e Kremer-Marietti abordam o sentido de Ética

em torno do enfoque racional, isso porque o pensamento filosófico a partir das raízes gregas tem um sentido de razão diferente daquele elaborado pelo mundo contemporâneo, afeto a busca da tecnicidade. A razão filosófica grega pensa do ponto de vista político, portanto o olhar ético se determina como uma perspectiva concreta pelo mundo dos homens e sua mutabilidade.

No entanto, a tentativa de enquadrar a Ética como ciência, segundo um sistema de análise universal, talvez repouse no fim de instruí-la como um conhecimento capaz de produzir reflexões e resultados não particulares, buscando separar, definitivamente, o que é produto específico de um momento para uma dimensão reflexiva acerca do agir humano para além do dado cultural, o que de alguma forma enseja algumas complicações. Mas seja como for, ramo da Filosofia ou uma ciência autônoma, a Ética desde Sócrates é a busca de um método para se chegar à análise dos fatos morais longe das dogmatizações tão comuns ao pensamento vulgar, que sem a menor reflexão emite juízo de valor nem sempre compatível ante a razão da realidade.

A confusão contemporânea entre Ética e agir moral repousa, sobretudo, no desconhecimento das implicações conceituais entre conhecimento e objeto. Geralmente toma-se a ciência pelo objeto e se estabelece uma confusão sem limites. O agir ético leva o indivíduo a pensar quanto às possibilidades da ação junto ao conjunto político, ou seja, o agir ético só é possível na dimensão especulativa.

O agir ético é uma realização do pensamento, ao passo que uma ação moral é a efetivação de princípios realizados por meio de uma hierarquia de valores. Um indivíduo ou mesmo uma sociedade não pode ser ético, pois não existe tal relação. Um indivíduo ou uma dada sociedade pode fincar uma tábua de valores pelos quais se organiza a vida e se estabelece o mínimo social. Dessa forma, conclui-se, provisoriamente, que toda moral é histórica por ser uma produção dos homens dentro de uma temporalidade específica, levando em conta as condições concretas de existência. Uma moral, seja ela qual for, é sempre fruto das condições objetivas, entretanto perde sua legitimidade quando essas mesmas condições objetivas já não mais existem.

Toda moral é tão passageira quanto o senso comum. Esse, ao confundir o real com o ilusório, inverte o *agir ético*, atividade do espírito, confundindo com o *agir moral*, realização prática do espírito.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982: 644.
- DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.
- _____. **Ética e sociologia da moral**. São Paulo: Landy, 2003.
- REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. Vol. III. São Paulo: Loyola, 1994.
- KREMER-MARIETTI, Angèle. **A ética**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- TUGENDHAT, Ernst. **Lições de ética**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VÁSQUES, Adolfo S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

ⁱ “O desenvolvimento do pensamento moral e da reflexão política prosseguirá nessa linha: às relações de força tentar-se-á substituir relações de tipo ‘racional’, estabelecendo em todos os domínios uma regulamentação baseada na medida e visando a proporcionar, a ‘igualar’ os diversos tipos de intercâmbio que foram o tecido da vida social” (VERNANT, 1992, p. 66).